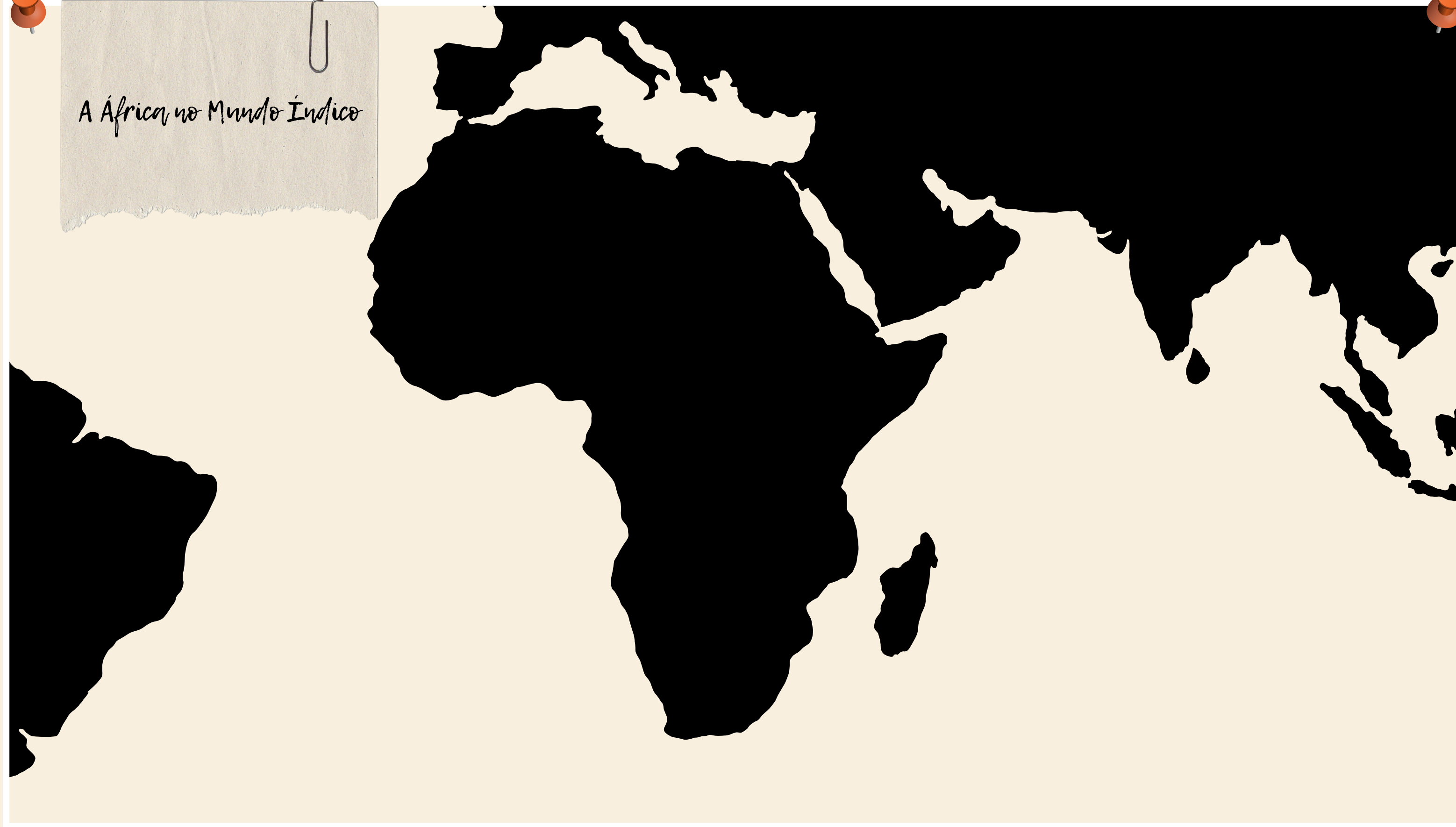


A África no Mundo Índico



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br



AFRICA

Malindi
Mombasa

Goa
Calicut

St. Helena Bay
Mossel Bay
Natal

1497-1498

A frota de Vasco da Gama contorna a África, chega em Calicut e retorna para Lisboa.

1500-1501

A frota de Cabral faz a segunda viagem para as Índias.

1502-1503

A frota de Vasco da Gama faz a terceira viagem para as Índias.

1505-1506

A frota de Lourenço de Almeida chega nas Maldivas e ao Ceilão (Sri Lanka).

1511-1517

Várias viagens marítimas dos portugueses para a Ásia, inclusive pelos mares da China.

1520

Embaixada portuguesa chega na Etiópia, onde os portugueses encontram Pero de Covilhã.
Em 1487, Pero de Covilhã e Afonso de Paiva partiram por terra em busca do Reino do Preste João, na Etiópia.

1542-1543

A frota de Fernão de Mendes Pinto chega ao Japão.

1557

Os portugueses conseguem uma concessão chinesa para se instalar no porto de Macau.

1602-1606

O jesuíta português Bento de Góis percorre a pé da Índia até a China.

"Das praias que estão entre estes dois rios, Manhiça e Cuama, para dentro do sertão, expande-se o império de Monomotapa, onde há uma grande quantidade de minas de ouro, que é levado para todas as regiões vizinhas, para Sofala e outras terras de África. (...) O império do Monomotapa é grande e de gente infinita, gentia e pagã, de cor negra, muito animosa na guerra, de estatura média e veloz. Há muitos reis vassallos de Monomotapa, os quais frequentes vezes se rebelam e guerreiam contra ele. (...) Sendo grande senhor, tem necessidade de fazer guerras continuamente pra manter o seu estado."

Filippo Pigafetta e Duarte Lopes (1591) Relação do Reino do Congo e das Terras Circunvizinhas, Capítulo X - Da restante costa do mar até o mar Roxo. Do império do Preste João, dos seus confins. Do célebre rio Nilo e da sua origem.



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br

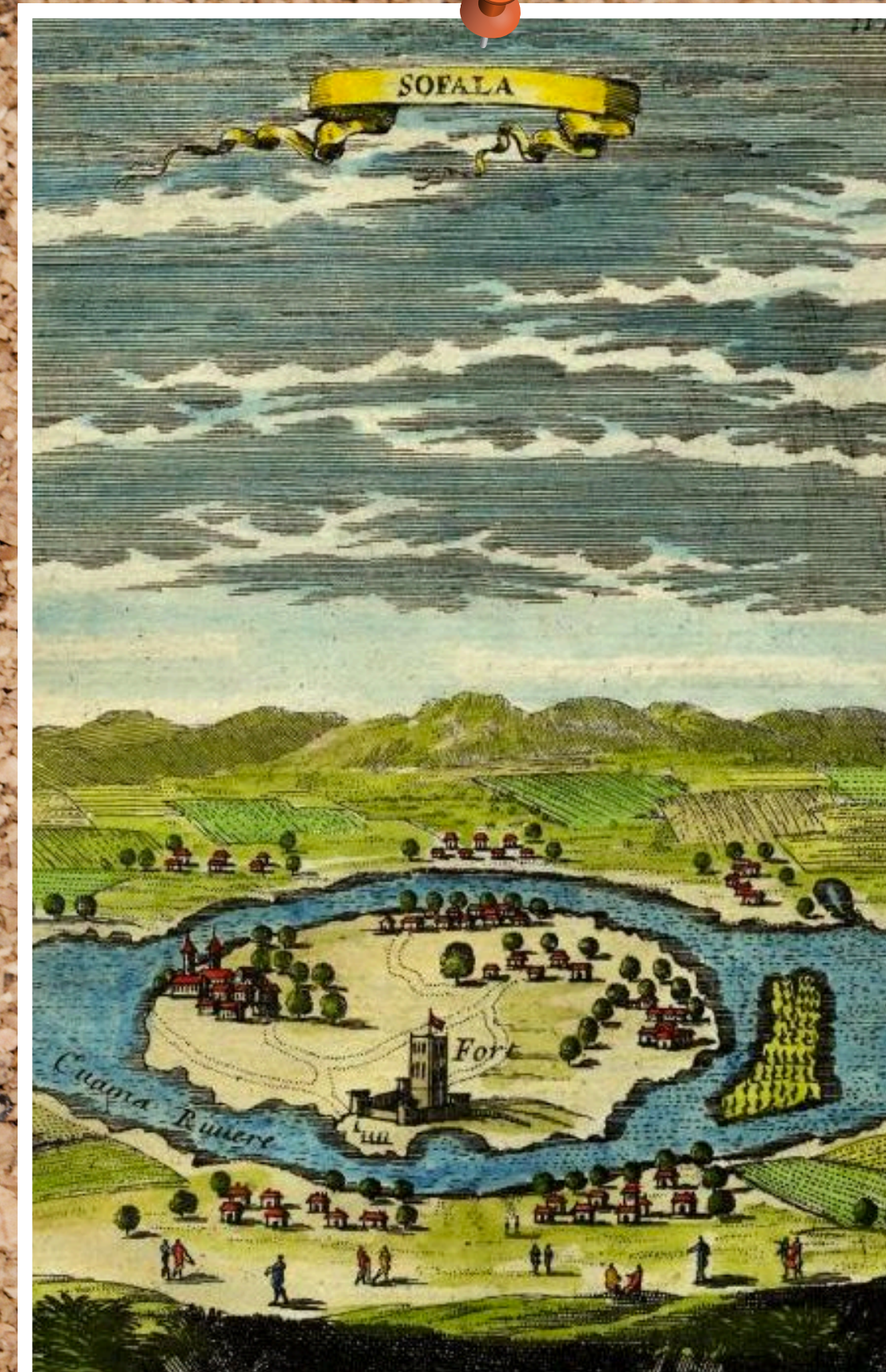
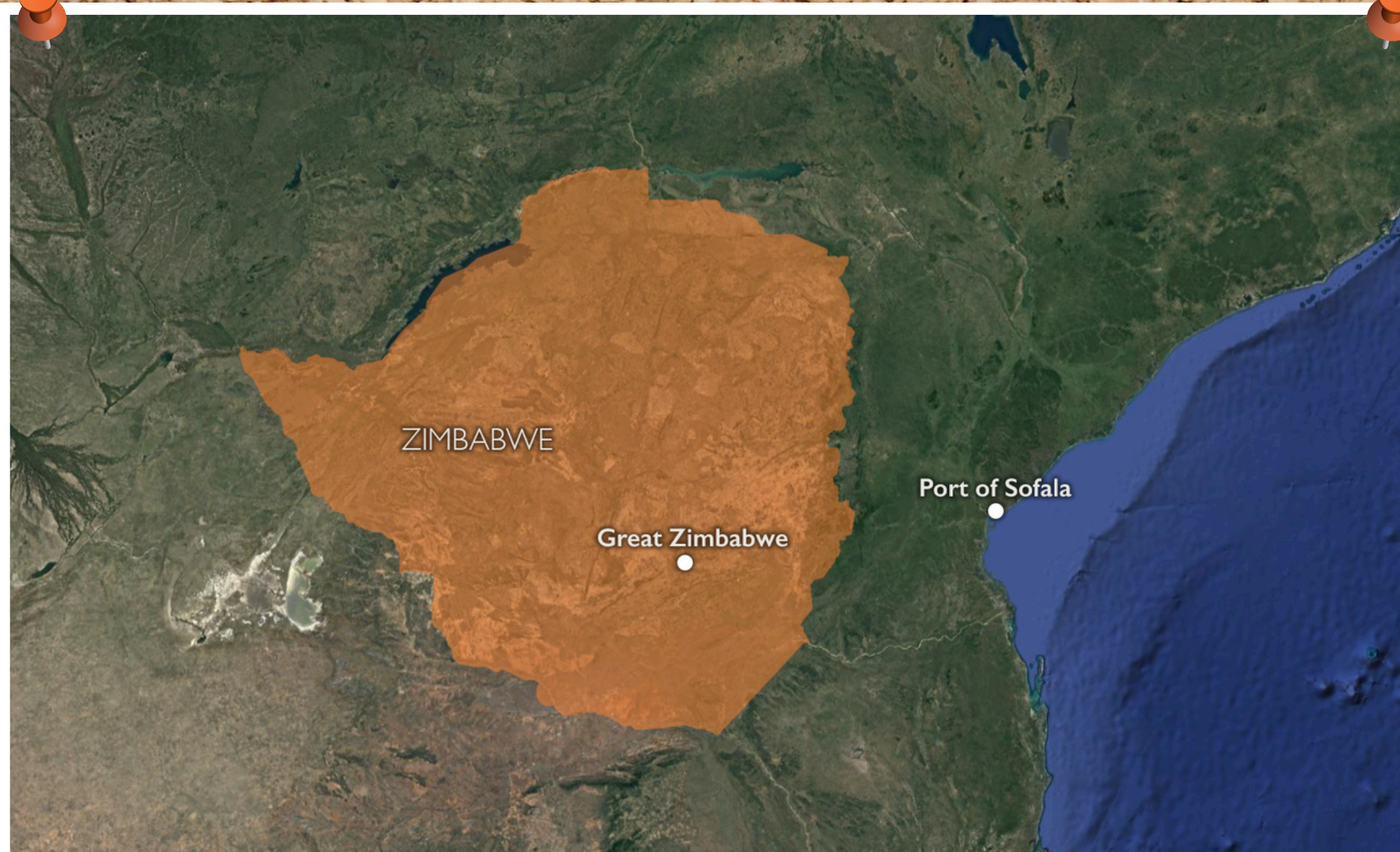




**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br

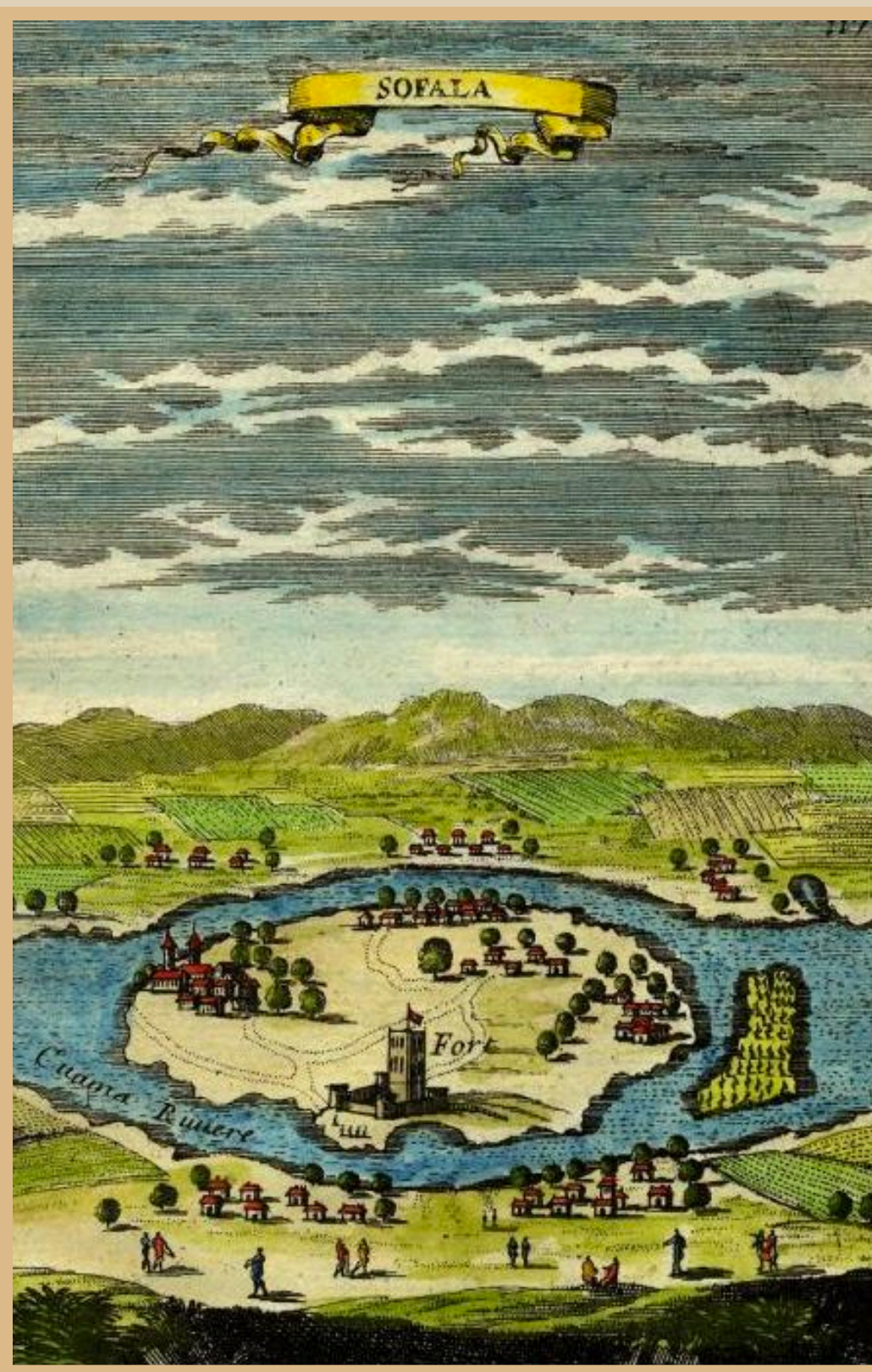




**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





Quando montaram a feitoria em Sofala, levaram para lá o mesmo tipo de mercadorias que comerciavam em São Jorge da Mina. O resultado foi péssimo, pois esses artigos não tiveram aceitação. O ouro só afluiu para o entreposto quando este recebeu produtos indianos, obtidos nos saques a Quíloa e a Mombaça.

Os portugueses viram-se, assim, numa espécie de círculo fechado: para adquirir especiarias necessitavam de ouro, e pagavam em ouro na Índia os tecidos e a contaria com que o obtinham em Sofala. O ouro desta não tinha, aliás, outro destino que o trato da pimenta.

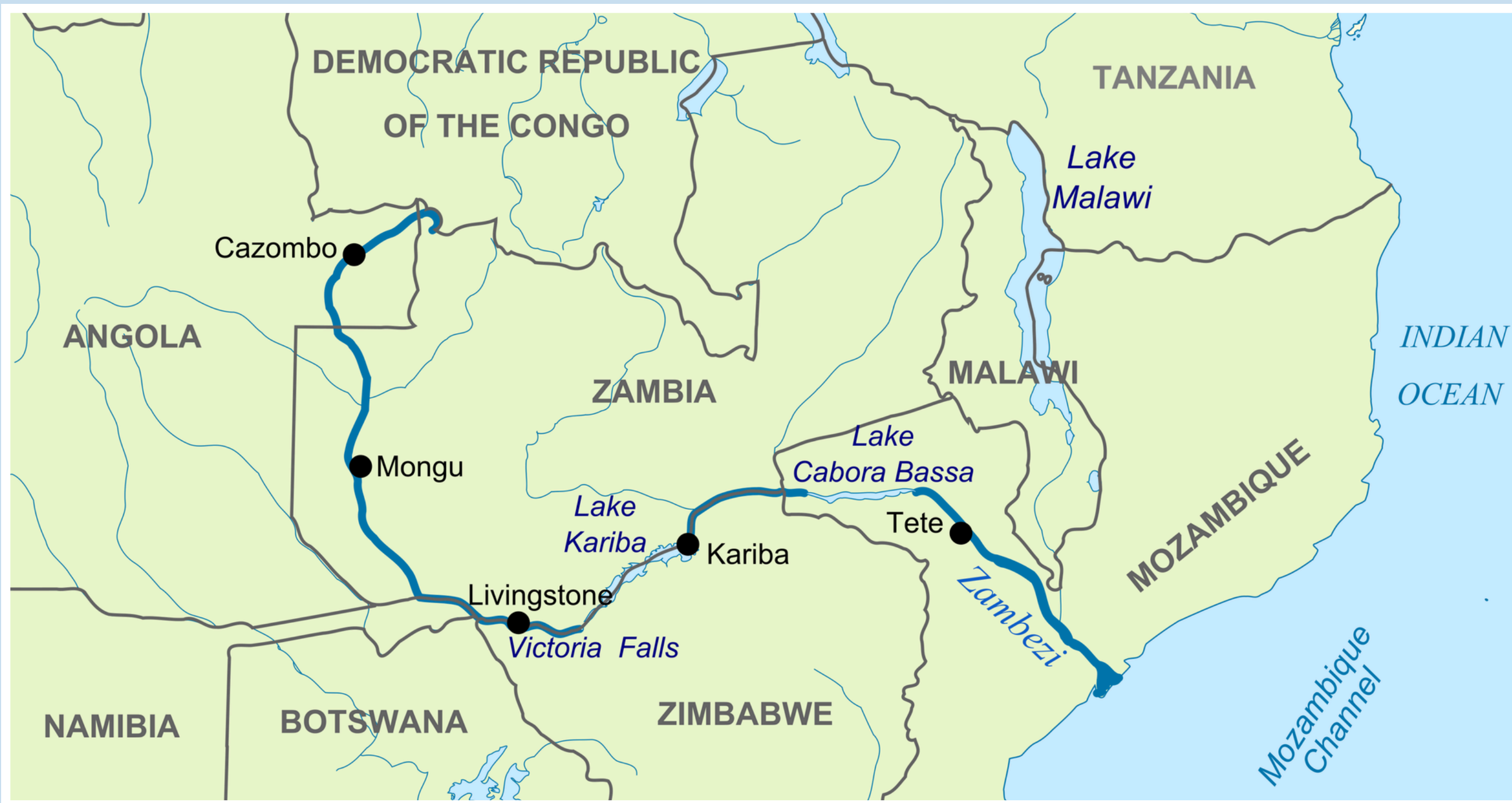
Alberto da Costa e Silva (2002, p. 646-647)



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br



"Ora, devendo fazer menção do império do Preste João, que é o maior e mais rico príncipe que se encontra em toda a África, digamos, resumidamente, que o seu estado se compreende desde as fozes do mar Roxo até a ilha de Siene, que está sob o trópico de Cancro, exceptuando as costas do dito mar, as quais, de 50 anos para cá, perdeu por negligência a favor do Turco."

Filippo Pigafetta e Duarte Lopes Relação
do Reino do Congo e das Terras
Circunvizinhas (1591)

Capítulo X - Da restante costa do mar até o mar Roxo. Do império do Preste João, dos seus confins. Do célebre rio Nilo e da sua origem.

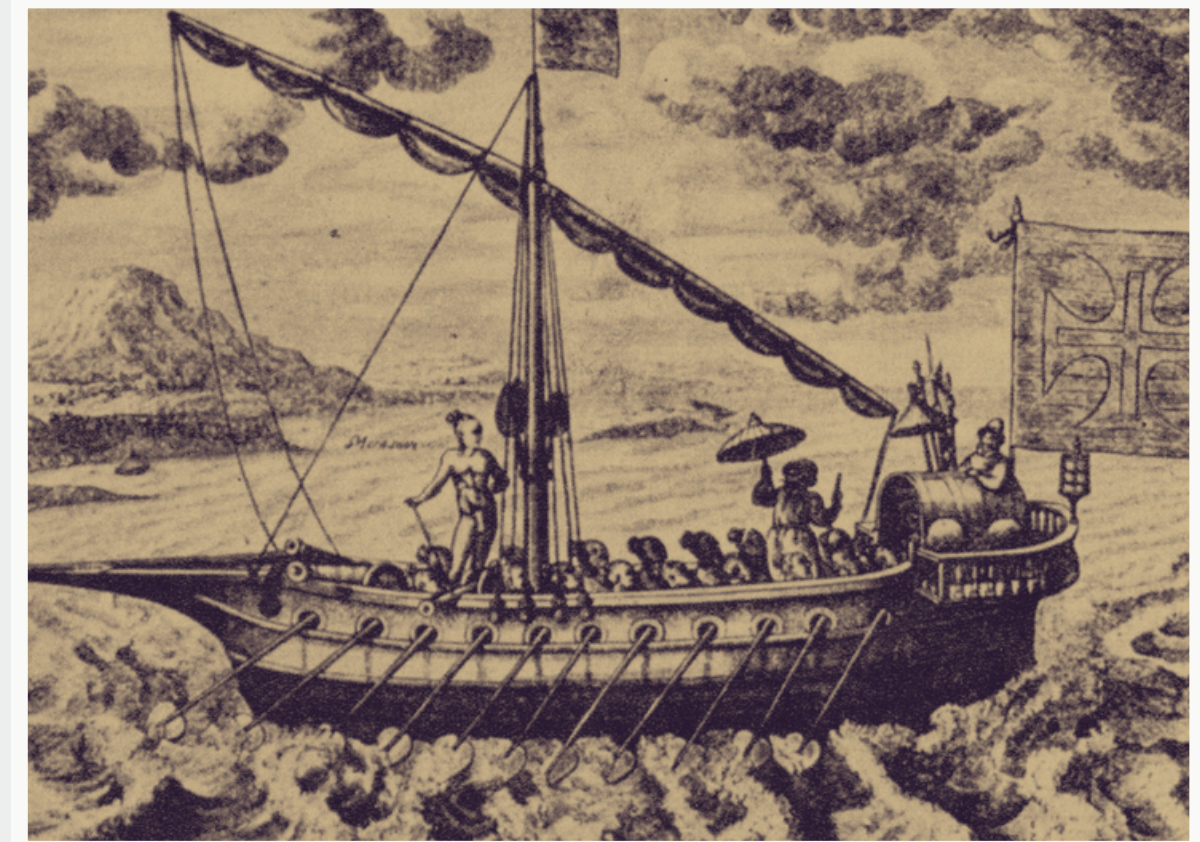


No final do século XIV, os portugueses chegaram ao Oceano Índico. [...] Com base em alguns relatos, a chegada do poder militar europeu marcou uma grande divisão na história do Oceano Índico, com um período aparentemente pacífico de comércio desarmado, seguido da crescente militarização e do conflito precipitado pela intrusão dos europeus.

[...]

Como todos os outros comerciantes, os europeus, até pelo menos o século XVIII, tiveram que se acomodar às condições locais, convenções e redes comerciais de crédito. Eles faziam parte da ordem comercial asiática. Somente com a ascensão dos navios britânicos a vapor, do controle marítimo, dos exércitos permanentes, do Canal de Suez, da telegrafia elétrica e uma variedade de outros aparelhos tecnológicos, o Oceano Índico começou a se assemelhar a um "British Lake".

(Isabel Hofmeyr, 2018, 16).



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





Os portugueses haviam tentado dominar esse tráfico, com êxitos efêmeros. Para mercadejar com a Índia e com a China, que não tinham maior interesse pelos artigos europeus, necessitavam de ouro e prata. Pois eram ouro e prata o que, no Extremo Oriente, se desejava em paga das especiarias, das sedas, dos algodões finos, das porcelanas e das lacas. Aceitavam-se também o marfim e outros bens que se podiam obter no próprio Índico, sobretudo nas costas da África, como as pérolas, o coral, o âmbar, a tamiça de coco, o almíscar, as plumas de avestruz, os chifres de rinoceronte e as carapaças de tartaruga. Mas, para obter na Azânia essas mercadorias e levá-las a trocar no outro lado do Índico, os portugueses tinham de oferecer prioritariamente aqueles produtos com os quais os suáílis e os povos do interior estavam acostumados e que eram asiáticos, dos algodões e contas de Cambaia à celadona chinesa. Alberto da Costa e Silva (2002, p. 646-647)



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br



É verdade que também entrava no circuito parte do metal amarelo que conseguiam na Mina, no Gâmbia e em outros pontos da África Atlântica. Se ali o compravam com tecidos indianos e do Magrebe e com cauris das Maldivas, outras moedas não deixavam de ter na costa atlântica excelente curso: as manilhas e o vasilhame de latão e cobre, as mantas do Alentejo e as barras de ferro. Além do escravo, cuja demanda entre os acãs não esmaecia. Era, aliás, sobretudo contra escravos que os portugueses permutavam ouro em São Jorge da Mina.

Alberto da Costa e Silva (2002, p. 647)



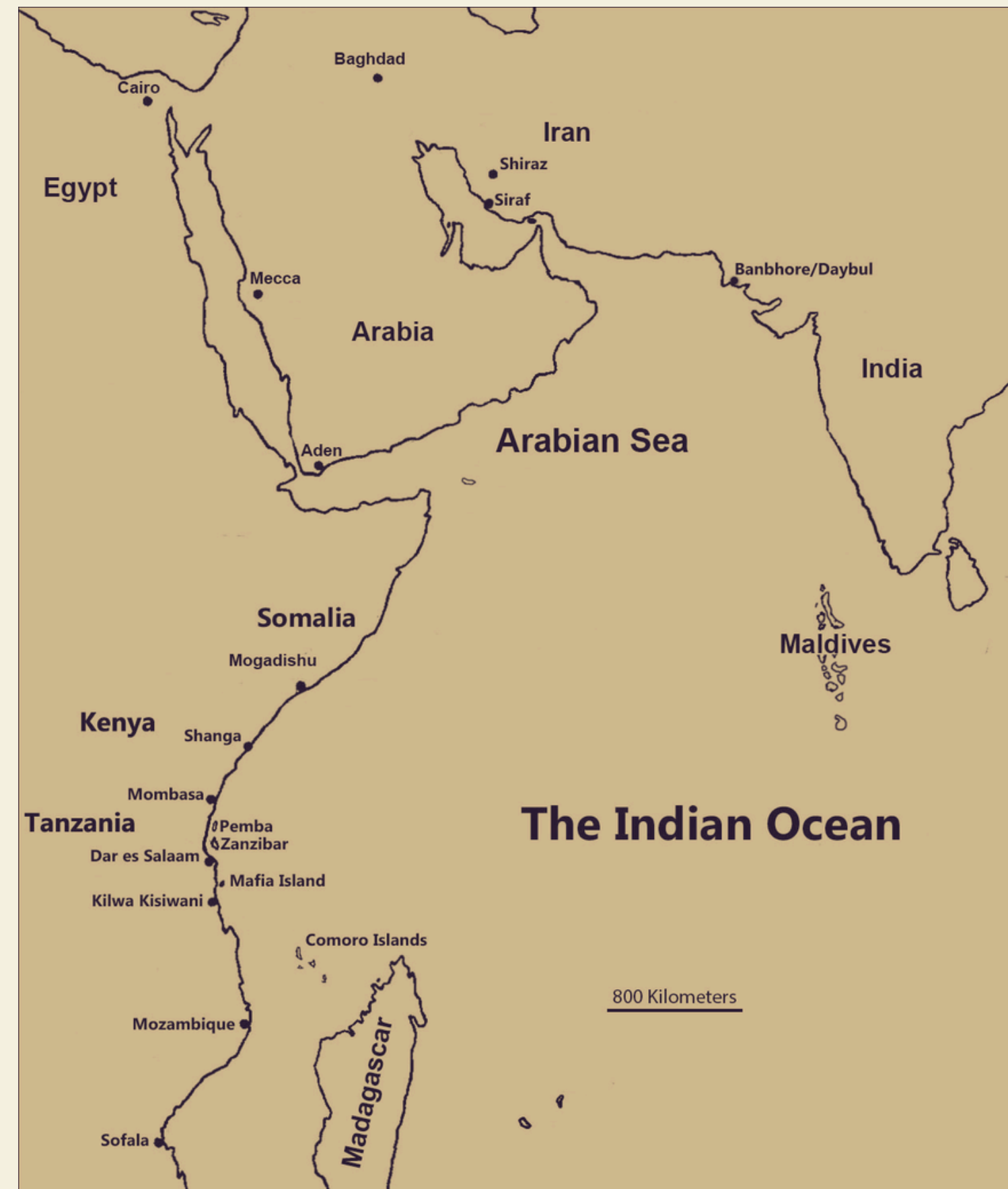
**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br



O período que se estende do século XVI ao XVIII inaugurou-se com a chegada dos portugueses na extensão da costa oriental da África e chegou ao fim com as tentativas dos árabes omanis em obter uma espécie de hegemonia no litoral. Nesse período, as cidades e os povos da costa conheceram mudanças consideráveis, e mesmo radicais, nos planos econômico, social e político. Algumas cidades que haviam atingido o ápice da opulência periclitaram, outras passaram da obscuridade à glória, muitas desapareceram, e raras foram as que atravessaram todo esse período conservando, sem cessar, a sua importância. As vicissitudes de sua história podem ser atribuídas a vários fatores, **sendo a intervenção portuguesa**, por mais importante que ela seja, **apenas um elemento dentre outros**.

HGA, 1992, p.883



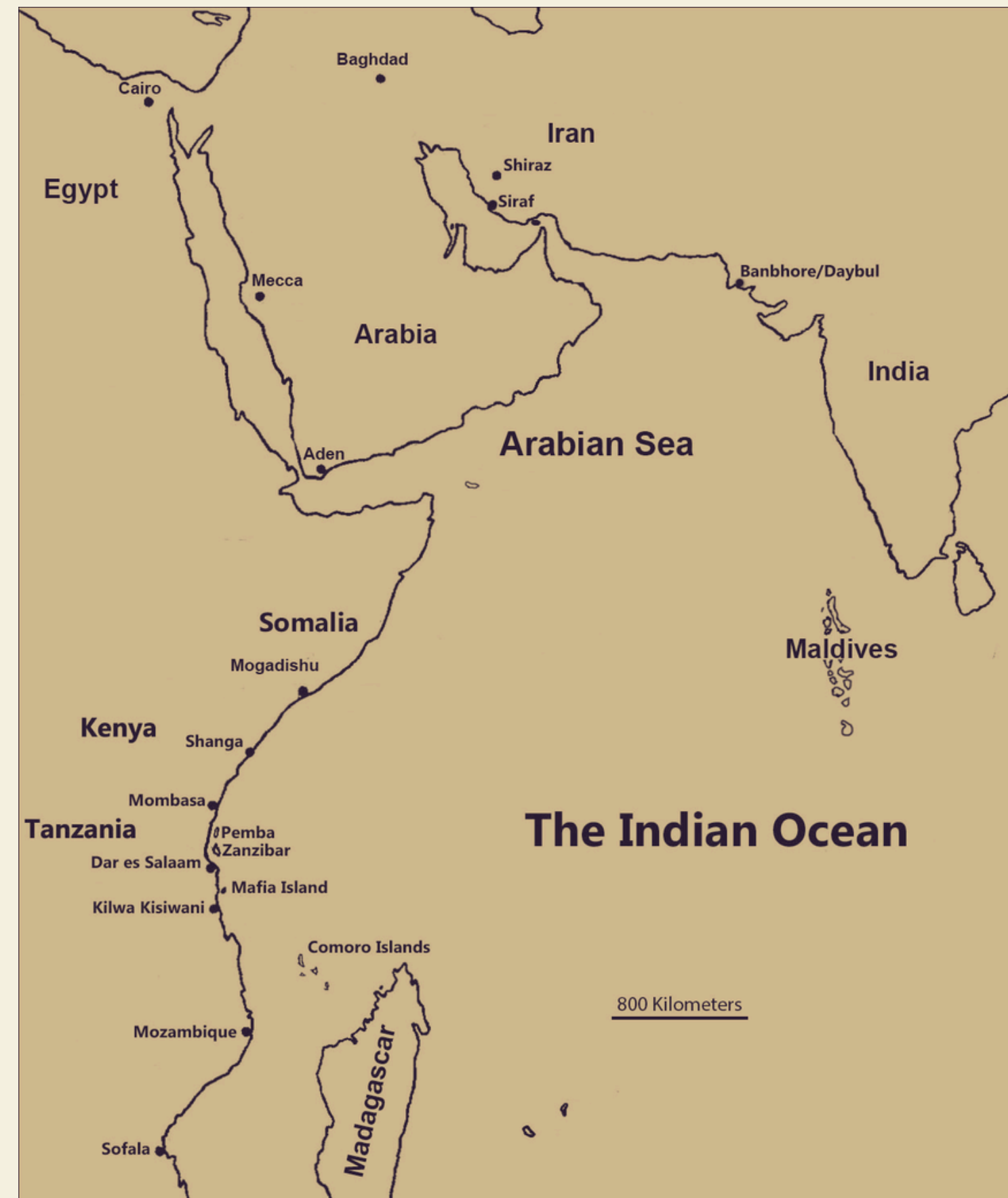
**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br



Essas urbes mercantis competiam ferozmente entre si - e das lutas e rivalidades entre elas aproveitaram-se, durante dois séculos, os portugueses, sempre encontrando alguma que contra as outras os buscasse como aliados. Digladiavam-se elas sem parar pelo controle do comércio com o lêmen, o Egito, o golfo Pérsico, as Maldivas, o Guzerate, Malabar, o golfo de Cambaia ou Malaca, de onde não só vinham barcos intercambiar mercadorias, mas até onde viajavam, a oferecer seus produtos, negociantes suailis. (Em Malaca, por exemplo, Tomé Pires viu, entre 1512 e 1515, ao lado de cairotas, árabes de Aden, etíopes, persas, turcos e armênios, gente de Quíloa, Melinde e Mombaça). Mas lutavam também pelo mercadejo ao longo dos litorais da Azânia. Pelo arroz de Madagáscar e Pemba, que vendiam para Aden. Pelas madeiras, sobretudo dos mangues, que tinham mercado certo numa península Arábica sem árvores. Pelos instrumentos de ferro. Pelo milhete, a carne e os tecidos de algodão de Inhambane. Pelos cauris que se recolhiam nas praias do que hoje são Tanzânia e Moçambique e que, com os importados das Maldivas, serviam de moeda no interior do continente. Por outras conchas, sobretudo as muito brancas e as de grande tamanho, que os xonas usavam no meio da testa e o monomotapa também ao peito. Pelo marfim, de ampla procura na Índia, na China e na Europa. Pelo ouro, que escoava sobretudo por Sofala, mas vinha dos planaltos do interior - de Barué, Tonga, Manica, Mocaranga, Dande, Butua e o que hoje chamamos Transvaal.

Alberto da Costa e Silva (2002, p. 617)



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





Kilwa, se ainda não havia declinado, parou de se desenvolver, como no século XV, quando grande parte de seu avanço deveu-se ao monopólio do comércio do ouro de Sofala, detido por ela após tê-lo arrancado de Mogadíscio, no final do século XIII ou no início do XIV. Antes da chegada dos portugueses, o comércio de Kilwa se voltava antes para o mar que para o continente. Não existe nenhum documento ou vestígio arqueológico indicando que Kilwa Kisiwani fora ligada por rotas comerciais terrestres ao Sul da Zambézia, onde se encontravam minas de ouro.

(HGA, 1992, p. 884)





No final do século XV, Kilwa perdeu o controle de Sofala. De um ponto de vista político, sua influência diminuía também na costa norte, da qual muito necessitava para seu comércio. A rápida sucessão de seus soberanos - treze, em pouco mais de meio século, entre 1442 e 1498 - traduzia um mal político interno que minava sua potência e vitalidade, ao passo que suas más relações com Zanzibar refletiam uma fraqueza crônica das cidades suaílis: dissensões internas favoreciam a intervenção de forças externas. Este fenômeno devia reproduzir-se frequentemente em outras cidades da costa, facilitando, sobretudo, a intervenção e a hegemonia portuguesa, e mais tarde, omani. Em 1454, Zanzibar tentava instalar o seu candidato no trono de Kilwa.

Entretanto, no início do século XVI, Zanzibar não era, política e economicamente falando, uma das principais cidades da costa. A ilha de Zanzibar, por sua vez, encontrava-se dividida em pelo menos cinco territórios, possuindo cada um deles um chefe. Por outro lado, em 1550, Mombaça era consideravelmente desenvolvida e contava, com Kilwa e Melinde, dentre as cidades-Estados de maior opulência.

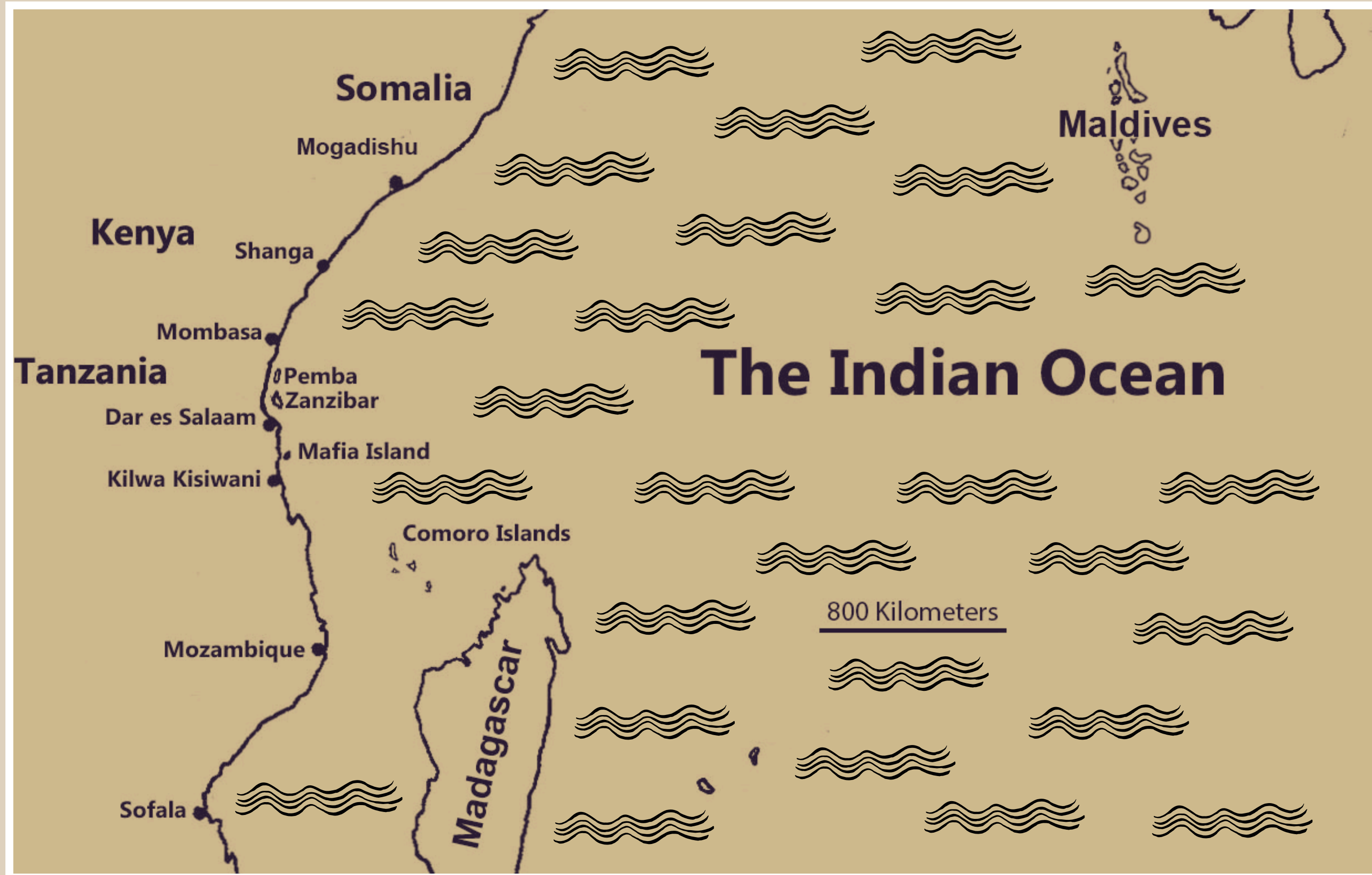
HGA, p. 884



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





Kilwa Kisiwani ©UNESCO
<https://whc.unesco.org/en/list/144/gallery>



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

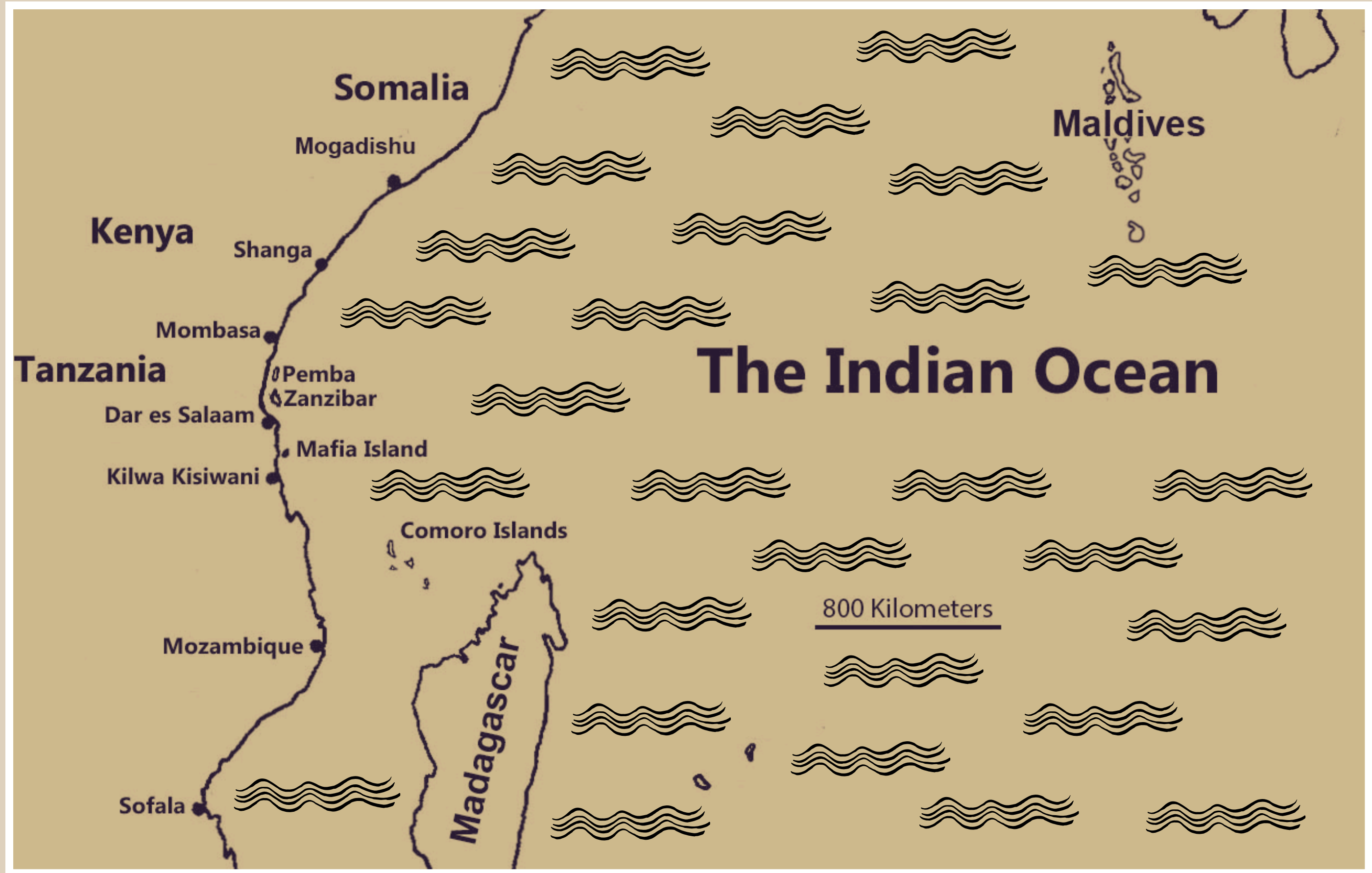
História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br



No início do século XVII, as relações amigáveis entre os portugueses e o sultão Ahmad não duraram muito após a transferência do poder para Mombaça. Logo, tornou-se claro que o capitão português de Mombaça não cumpria as ordens de Goa, que o intimava a se manter em bons termos com um aliado de longa data, e não respeitava os acordos administrativos e fiscais firmados com Ahhmad. O Sultão se queixava dos obstáculos com os quais se chocavam o comércio e o tráfico marítimo de Mombaça e - fato revelador - pediu a Lisboa que dispensasse outras cidades do tributo que lhes havia sido imposto após as expedições turcas. Também pediu que sua autoridade fosse reconhecida em Pemba, que ele teria conquistado através de seus próprios meios, porém os portugueses preferiam vê-la nas mãos de um soberano fantoche, pertencente à classe dirigente. Finalmente, o sultão Ahmad obteve Pemba, mas somente como arrendamento, mediante o pagamento de 300 a 500 sacos de arroz por ano. Após a morte do sultão, em 1609, seu filho entra em conflito com os portugueses.

(cf. HGA, 1992, p. 901)





**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br



Em 1607, embarcações holandesas sitiaram a cidade de Moçambique por vários meses; embora o estado de saúde dos homens os obrigasse finalmente a deixar o lugar, os holandeses tinham se estabelecido no Oceano Índico e estavam fortemente decididos a permanecer aí.

(HGA, 1992, p. 3)



O fim da supremacia portuguesa na África Oriental

A segunda metade do século XVII foi marcada por longas lutas entre os portugueses e os árabes omanis ao largo da África Oriental. Em 1652, estes últimos, encorajados pelos soberanos locais, atacaram os portugueses em Zanzibar e mataram um certo número deles. [...] Em 1660, uma frota dos árabes omanis desembarcou em Mombaça e saqueou o bairro português, aparentemente sem encontrar uma forte resistência. Em 1669, os árabes omanis chegaram até Moçambique.

HGA, 1992, p. 904



Outras cidades, em especial Zanzibar, Pemba e Máfia, seguiram o exemplo de Mombaça, matando ou expulsando os portugueses que lá se encontravam. Assim, é interessante notar que foram as próprias cidades suailis que expulsaram definitivamente os portugueses. Pouco depois da partida destes últimos, Pate e Mombaça deixaram mais uma vez os omanis ocupá-las. A costa suaili entrava em uma nova era de sua história.

HGA, 1992, p. 906



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br



O fim da supremacia portuguesa na África Oriental

A derrota portuguesa foi atribuída a toda uma série de fatores: a fraqueza, a imperícia e a anarquia do sistema colonial; a indecisão, a imprudência, a incapacidade e a cupidez de inúmeros administradores que pensavam, sobretudo em encher seus bolsos, alienando a simpatia da população suaíli; os estragos causados pelo clima e as doenças, que dizimaram uma população portuguesa já pouco considerável; as facções locais, cujas lutas serviram, durante um certo tempo, aos interesses dos portugueses, mas que não tardaram a se voltar contra eles. Aproximadamente no final do período estudado, os portugueses encontravam-se no fim dos seus recursos e mesmo Goa, por exemplo, fora deixada sem defesa em janeiro de 1730, na ocasião de um derradeiro e desesperado esforço a fim de retomarem a sua parte na África Oriental.

(HGA, 1992, p. 907)



Portuguese Fort Jesus | Mombasa | Kenya



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br

